

“Ó DEUS, CRIA EM MIM UM CORAÇÃO PURO”
Recriação e regeneração da criação
Nos Salmos Penitenciais*

*Prof. Dr. Romano Dellazari**

Resumo

Normalmente se estudam e se usam os salmos penitenciais com o objetivo de provocar a conversão do ser humano na sua relação com Deus. Por isso o acento cai sobre a dimensão negativa da pessoa. O que se quer com este estudo é fazer emergir a dimensão positiva existente nesses salmos, isto é, a dimensão de regeneração e recriação das relações existentes nesses salmos não só as com Deus, mas também da recriação e regeneração das relações do ser humano consigo mesmo na busca de seu desenvolvimento integral e das relações com o próximo como também com a natureza.

Palavras-chaves: Salmos Penitenciais; Recriação; Regeneração das relações.

Abstract

Normally, the penitential psalms are studied and used in order to provoke conversion of the human being in his relationship with God. That is why the accent falls on the negative dimension of the human being. Our study tries to bring forth the positive dimension existing in these psalms, that is, the dimension of the regeneration and creation of the relationships, not only with God but also [the dimension of the regeneration and the creation of] the relationships with the human being toward himself, as far as he looks for his integral development, and the relationship with his neighbor and with the nature as well.

Key words: penitential psalms; recreation; regeneration of the relationships.

* Doutor em Teologia pela EST – São Leopoldo, Professor da FATEO - PUCRS.

Os salmos penitenciais**, e porque assim foram e são chamados e usados pela tradição eclesial, foram colocados dentro de uma camisa de força hermenêutica. Seu uso serviu, através da história, muito mais para provocar uma conversão através do medo do que ser um desafio. Às vezes, seu uso poderia provocar muito mais uma paralisia e justificando omissões para evitar a possibilidade de errar do que ser um desafio para uma reconstrução ou recriação. O pecado não pode encarcerar o ser humano em infimas lamentações e complexos de culpa, mas ser, pedagogicamente falando, um questionamento: o que eu ganhei e o que eu perdi com o pecado? Foi constatado?

Constatou-se que o pecado é causa de uma falta de qualidade de vida. O pecado, em salmos penitenciais, é considerado pelo próprio salmista como sendo a causa de todo mal-estar. O pecado deixa conseqüências negativas sobre o ser humano e sobre as relações sociais. Ele deixa também conseqüências negativas sobre a natureza, em geral, como também na relação com o Criador.

O que se quer perguntar agora é: Tudo isso fica por isso mesmo ou os salmos penitenciais mostram uma saída para a situação? Os salmos penitenciais mostram evidências para um novo modo de ser e existir? Os salmos penitenciais são apenas masoquistas e cheios de lamúrias ou em seu bojo existe uma possibilidade de reconstrução, de restauração, ou ainda de regeneração¹ ou, até, de uma recriação?

ABREVIATURAS

ANET = J. B. PRITCHARD (ed.). Ancient Near Eastern Texts Relating to the Old Testament

BJ = Bíblia de Jerusalém (A bíblia é citada segundo a BJ, edição 2002)

BZAW = Beihefte zum Alten Testament Wissenschaft

DITAT = Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento

NDTB = Nuevo Diccionario de Teología Bíblica

PL = Patrologia Latina (Migne)

ThWAT = Theologisches Wörterbuch zum Alten Testament

O saltério é “um ser vivo que fala – que fala com a gente – que sofre, que geme e que morre, que ressuscita e canta, no limiar da eternidade – e arrebatada a gente, a nós e os séculos dos séculos, do começo ao fim”². Isso, em princípio, mostraria que os salmos penitenciais, mesmo sendo quase todos eles salmos de lamentação individual, são salmos que deveriam deixar transparecer uma esperança. Eles ressuscitariam o ser humano! Eles conteriam em seu bojo uma semente de uma nova criação. Eles não seriam apenas um vale de lágrimas. Os salmos penitenciais seriam um caminho, uma rota, uma seta que aponta para algo melhor. Se cada salmo é um resumo de todo o Antigo Testamento, segundo Ravasi se expressou, citando S. Roberto Belarmino: “*quasi compendium et summa totius Veteris Testamenti*”³, eles conteriam toda a vitalidade e toda a promessa como também todas as potencialidades do Antigo Testamento. É possível verificar isso nos salmos penitenciais?

Quer-se, portanto, perceber como, na descrição do salmista, se entende o que seja qualidade de vida e uma possível integridade da criação na ótica dos salmos penitenciais. O salmista não fala apenas de restauração, mas de algo ainda muito mais profundo, ou seja, de uma regeneração ou uma recriação (אָרָר *bārā'* criar: Sl 51,12; 102,19). Isso quer mostrar que o pecado

¹ Ato ou efeito de regenerar(-se), renascimento de quem recebeu a graça pelo batismo ou pela penitência; segunda vida, segundo nascimento, revivificação. DICIONÁRIO HOUAISS DA LÍNGUA PORTUGUESA, *in loco*.

* Este estudo, com as devidas adaptações, é o quarto capítulo da tese de doutorado assim intitulada: “*DEVOLVE-ME O JÚBILO DE TUA SALVAÇÃO*”, defendida na Escola Superior de Teologia, São Leopoldo – RS, em 06.12.2004.

**Sl 6; 32; 38; 51; 102; 130; 143.

² CHOURAQUI, André. (Trad. para o francês e Comentários de). *A Bíblia. Louvores I*. Rio de Janeiro: Imago, 1998, p. 13.

³ Apud RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*. Volume I (1-50). Commento e Attualizzazione. 7. ed. Bologna: Edizioni Dehoniane. 1997. Coll.: Lettura pastorale della Bibbia, p. 15.

transformara o ser humano em agente capaz de exercer funções para as quais ele não fora criado. O salmista reconhece, na sua súplica, que, através do pecado, ele agira em oposição às finalidades ou fora das finalidades para as quais ele fora criado.

A correção disso exigirá uma regeneração, ou seja, uma recriação. Em outras palavras, a regeneração visa restituir as condições originais do ser humano, a fim de que ele possa exercer as funções para as quais ele fora criado. Não é suficiente perguntar como os salmos penitenciais são indicadores de problemas frente a uma qualidade de vida e da integridade da criação. Também deve ser perguntado sobre o que deve ser melhorado ou superado nas relações do indivíduo com Deus, com ele mesmo, com o próximo e com a natureza. Quais os indicadores que os salmos penitenciais oferecem para que isso possa acontecer? Como o salmista expressa, dentro dos salmos penitenciais, a superação desse mal-estar que existe com ele mesmo, com Deus, com o próximo e com a natureza?

A Bíblia é entendida como revelação. Nela, de forma direta ou indireta, se encontram propostas que ajudam a dar respostas para os problemas com os quais se deparam as ciências particulares. Na Bíblia, portanto, devem existir elementos que, de forma direta ou indireta, podem ajudar numa visão sobre o *hólos* ou sobre toda a realidade. Pode ser perguntado se ela oferece pistas para cada ciência ou novas especialidades que a sabedoria infundida no ser humano pelo Criador permitirá desvelar, a fim de que essas ciências encontrem um parâmetro, para se julgarem mutuamente e mutuamente se questionarem e mutuamente se auxiliarem.

Os salmos penitenciais, no seu bojo, apresentam experiências que deram certo (*Sl* 32) e experiências que não deram certo. Que conclusões podem ser tiradas? O que se poderia concluir, a partir do Criador, como sendo uma proposta para a criação? O que os salmos penitenciais têm como contribuição própria para a qualidade de vida e a integridade da criação? Quais são as pro-

postas deles? Quais os caminhos que eles apontam para o ser humano? Essa proposta é que se quer tentar desvelar neste estudo. A Bíblia quer ser uma proposta de vida para os seres humanos que se apóiam na tradição judaico-cristã de todas as épocas e culturas. Onde, privilegiando os salmos penitenciais, isto se mostra possível?

1 Recriação das relações com Deus

O Sl 51, por causa da atenção dada ao coração, à consciência e à angústia, se caracteriza por ser uma teologia do pecador⁴. Reconhecer e confessar o próprio pecado é o suprassumo da sabedoria, pois propicia as condições para a regeneração e cria a paz e a alegria. O perdão divino restaura a plena comunhão com Deus. O orante do Sl 51 traduz o espírito de um pecador que compara seu caso pessoal assemelhando-o à figura do grande predecessor e rei Davi⁵. Diz Ravasi⁶ que muitas preces das liturgias penitenciais nacionais contêm uma vivacidade e uma espiritualidade muito próximas desse salmo⁷. Nos versículos finais (20-21), encontram-se reelaboradas, de forma original e em forma de prece pessoal, os anseios das grandes correntes do pensamento profético exílico e pós-exílico⁸ expressas também no Sl 147,2: “*Iahweh reconstrói Jerusalém, reúne os exilados de Israel*”⁹. A recriação das relações com Deus passa, portanto, necessariamente, pela recriação do ser humano e, de modo especial, do seu coração e do seu espírito (Sl 51,12).

Na busca de uma compreensão do que seja a qualidade de vida dentro dos salmos penitenciais, o salmista diz: “*Não me re-*

⁴ RAVASL, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 18.

⁵ *Id.*, *ibid.*, p. 18.

⁶ *Id.*, *ibid.*, p. 20.

⁷ Cf. Dn 3; 9; Ne 9; Esd 9, etc.

⁸ Is 51,3.11; 62,11; Zc 8,3.8.

⁹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 22.

*jeites para longe de tua face, não retires de mim teu santo*¹⁰ *espírito*” (Sl 51,13). Não adianta o perdão, se Deus se afastar com seu espírito, como já o fizera com Saul. Saul, ao perder o espírito de Deus, é tomado por um espírito temperamental e volúvel e, por isso, seu modo de ser e agir torna-se imprevisível. Passa instantaneamente da mais alta empatia à mais trágica repulsa em relação a alguém. Esse medo perpassa o salmista¹¹. Por isso o orante percebe a necessidade de uma ajuda divina para uma vida nova. Essa ajuda, porém, é vista como uma forma de relação vital, orgânica e duradoura, ou seja, é uma relação que está num constante acontecer¹². O ser humano não tem condições, sozinho, de se ajudar. Ele não consegue ser sempre fiel. Por isso, se torna necessário o perdão de Deus e sua recriação e, ainda, sua constante presença (Sl 51,12). Sem essa interrelação sempre viva com Deus, uma nova vida será impossível. O uso do espírito de santidade *רַחֵם קִדְּוָה* *rûah qōdeš* junto com a presença de Deus nesse contexto é sumamente importante, pois, se Deus afasta o ser humano de sua presença e lhe retira seu espírito ou o seu sopro (Sl 104,29-30), esse ser humano retornará ao nada. O espírito de santidade é a garantia de pertença à comunidade de Iahweh¹³. Se Deus retira do ser humano o espírito¹⁴, isto é, aquele espírito que o assemelha a Deus, o ser humano deixa de existir como ser humano. Esse é o aspecto aterrorizante da situação, pois o ser hu-

¹⁰ “Jacquet acha que “*santo/de tua santidade*” é um acréscimo e que sobrecarrega a métrica e sofreria influência da Sb, Jubileus, Salmos de Salomão, IV Esdras, Hinos de Qumran”. JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme II. Étude textuel littéraire et doctrinale. 42 à 100* (Bélgica): Duculot. 1977, p. 157.

¹¹ CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*. Torino: Marietti, 1965. Coll.: La Sacra Bibbia, p. 140.

¹² WEISER, Artur. *Os Salmos*. S. Paulo: Paulus, 1994, p. 302.

¹³ KRAUS, Haus-Joachim. *Psalmen I. Teilband. Psalmen 1-59*. (5. Grundlegend überarbeitete und veränderte Aufl.). Neukirchener Verlag, 1978. Col.: Biblischer Kommentar Altes Testament, Band XV/1, p. 546.

¹⁴ Gn 2,7; 7,22; Nm 27,16.

mano cai no não-ser¹⁵. Essa situação de dramaticidade é vivenciada por muitos personagens bíblicos e até de fora da Bíblia¹⁶. O Sl 51,13, portanto, introduz uma aguda reflexão sobre o sentido do diálogo com Deus que é, ao mesmo tempo, graça de Deus e resposta do ser humano. É, ao mesmo tempo, obra gratuita de Deus, porém colocada nas mãos do ser humano e sob sua frágil vontade¹⁷. O orante, por três vezes, pede por uma renovação do espírito. Essa renovação deve estar espelhada no espírito de Deus. Apesar de todas as diferenças que existem entre o ser humano e Deus, a semelhança comum que eles têm é o espírito. Por isso somente um espírito recriado, segundo a semelhança do espírito de Deus, pode fazer com que o ser humano esteja em comunhão com Deus e não mais peque contra Deus, os seres humanos¹⁸ e a natureza, pois essa também reflete facetas divina.

Um outro elemento que aparece na recriação das relações com Deus são os sacrifícios. O salmista está diante de uma constatação: os sacrifícios formais a Deus não são agradáveis: “*Pois tu não queres sacrifício, e um holocausto não te agrada*” (Sl 51,18). Não se pode afirmar uma negação do sacrifício formal, mas, se Deus pudesse escolher, existe algo melhor que os sacrifícios formais. Um sacrifício é identificado como זְבַחַי (*zēbah* = sacrifício) e o outro com o עֹלָה (*‘ōlāh* = holocausto).

Apesar da interpretação possível, diante da possível ausência de templo, de que Deus aceita o coração contrito como uma devoção equivalente aos sacrifícios, a interpretação que me-

¹⁵ Sl 27,9; 71,9; Is 59,2; Jr 7,15; Jô 3,4.

¹⁶ Cf. Gn 4,14; 1Sm 28,16; 2Rs 17,20; 24,20; Ez 11,22-25; 2Rs 13,23. Na Prece de Lamentação a Ishtar:

“*Where thou dost look, one who is dead lives: one who is sick rises up;*

The erring who sees thy face goes aright”. Prayer of Lamentation to Ishtar, ANET, p. 384, 40-41.

¹⁷ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 52-53.

¹⁸ ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*. Freiburg; Basel; Wien: Akzente; Herder, 1997, p. 410.

lhor se coaduna com o contexto do salmo, dentro das invectivas proféticas contra os sacrifícios formalísticos, é que o verdadeiro sacrifício deve estar imbuído de vida ou enervado no coração e na vida¹⁹, ou seja, “*e que guardam a mão de não praticar o mal... e que optam por aquilo que me é agradável, permanecendo fiéis à minha aliança*” (Is 56,2.4). A oposição feita pelo poeta entre sacrifício e coração contrito tem como objetivo mostrar o primado da consciência e da vida frente ao rito que é sem alma. O rito pode reduzir-se a uma farsa e à magia²⁰. Até o maior sacrifício, o mais profundo, o sacrifício feito como queima total, ou seja, entrega total que é עֹלָה (*‘ôlāh* = holocausto), sem uma postura interior e bem pessoal, não encontra aprovação. “*Iaweh está perto dos corações contritos; ele salva os espíritos abatidos*” (Sl 34,19). A contrição do coração renova o velho homem. Isso cria as condições para o perdão e possibilita a recriação. Esse é um dado fundamental, que se deve ter presente, quando se colocam frente a frente o sacrifício e as disposições interiores. Essas dignificam e dão validade para aquele.

O valor de latria das oferendas formais depende das disposições interiores do oferente, como afirmam os profetas²¹. Eles chegam a reforçar a primazia e a essencialidade dessas disposições que devem ser sempre aperfeiçoadas e intensificadas a tal ponto que possam ser suficientes ou até substituir os sacrifícios²². Vai-se ainda além, quando a lei, em muitos casos, não prevê nenhum rito expiatório, mas unicamente a morte do culpado de culpas graves tais como adultério e morte²³. Isso mostra que os sacrifícios formais sozinhos são insuficientes²⁴. Isso leva o conceito de purificação e expiação das culpas ao seu mais alto

¹⁹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I* p. 56.

²⁰ Id., *ibid.*, p. 56.

²¹ Is 1,11-13; Jr 6,20; 7,21.22; Os 6,6; Am 5,21-27; Mi 6,6-8.

²² Is 1,14; Jr 7,3.21-24; 31,31-33.

²³ Ex 21,12; Dt 19,11-21; 22,22; Ez 16,40; Jn 8,5.

²⁴ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme II*, p. 182.

grau, ou seja, ao mais alto nível de espiritualidade e de interioridade. Em outras palavras, o salmista está querendo mostrar que os sacrifícios materiais prescritos para purificação dos pecados não estavam alcançando seus objetivos e, por isso, não agradavam a Deus e não alcançavam os objetivos pretendidos que é o perdão dos pecados. Por essa razão, requer-se uma contrição do coração, ou seja, a consumação daquilo que está no interior do ser humano e encontra-se maculado pelo pecado.

O ápice da espiritualidade, segundo o salmista do *Sl* 51,19, é o fato de que nada agrada mais a Deus do que a dor íntima do penitente o qual reconhece que, no curso de sua vida, tem ofendido a Deus e que necessita de perdão²⁵. Muito mais do que oferecer vítimas, como o propõe a Lei²⁶, o que mais vale é a dor pessoal que perpassa o penitente, fazendo-o renunciar a seus atos pecaminosos e imolar, por assim dizer, a si mesmo. O orante não oferece nada para compensar seus pecados, mas apenas se oferece. Seres humanos, como diz Kraus, com coração contrito e esmagado (לב-נשבר ונדכה=) são de longe os que incluem a si mesmos na oferta para o perdão. O coração do pecador, que dobra os joelhos, e do orante, que chora, são as condições de certeza de que Deus acolherá sua oferta²⁷ e reatará as relações com ele. Isso nenhum sacrifício é capaz de fazer. Nenhuma outra oferenda pode ser mais agradável ao Deus que perdoa do que a ação de graças pelo perdão dos pecados que foi conseguido²⁸.

A oferta que melhor simboliza a salvação é um coração e um espírito recriados por Deus e que agora são oferecidos a ele. A oferta que agrada a Deus criador e salvador é esta: que o orgulho, a dureza de coração e a altivez do pecador sejam esmagados

²⁵ Is 57,15; 61,1; 66,2; Ez 6,9.

²⁶ Gn 22,12-13; Lv 1,4; 3,2.8; 8,1 8.22.

²⁷ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 547-548.

²⁸ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme II*, p. 182.

e que ele se faça pequeno e necessitado diante de Deus²⁹. Quem assim procede está se integrando dentro da mais lídima corrente veterotestamentária da relação entre Deus e o ser humano expressa por Isaías: “*Eu habito em lugar alto e santo, mas estou junto com o humilhado e desamparado, a fim de animar os espíritos desamparados, a fim de animar os corações humilhados*” (Is 57,15).

O orante, ao afirmar audaciosamente que a Deus não agradam sacrifícios e holocaustos, está, portanto, tirando as últimas conseqüências do conceito de relação entre ser humano e Deus. Esse conceito permeia totalmente os salmos 50-51 e tem como fundamento o caráter original da religião no Antigo Testamento. Esse caráter transparece também no profetismo³⁰. Se Deus é pessoa, a relação deve ser interpessoal. Se Deus é espírito, a relação será, prioritariamente, em cima do espiritual e, portanto, as ofertas não serão de coisas, mas do interior do ser humano, que é a לב, *lēb*, coração e a רוּחַ *rûah*, espírito, ou seja, aquilo que eles têm de semelhante³¹. A garantia, para Deus, de que de fato existe arrependimento do que fora feito de errado é que o ser humano oferte a si mesmo a Deus³², ou seja, que o ser humano como um todo esteja presente no sacrifício que esse mesmo ser humano oferece³³.

O Sl 51,16b-17 fala, ainda, de לִשׁוֹן (*lāšōn* = língua: 16b), שָׁפֵה (*šāpāh* = lábio: 17a) e פֶּה (*peh* = boca: 17b). O salmista, ao

²⁹ “Das ist das Opfer, das Gott als den Schöpfer und Retter verkündet und an dem Gott Wohlgefallen hat: Dass der selbstgefällige, hartherzige und hochmütige Sünder sich von ihm ‚zerbrechen‘ lässt und vor ihm, klein und arm‘ wird”. ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 411.

³⁰ WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 303.

³¹ No Novo Testamento se dirá: “*Mas vem a hora – e é agora – em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, pois tais são os adoradores que o Pai procura. Deus é espírito, e aqueles que o adoram devem adorá-lo em espírito e verdade*” (Jo 4,23-24).

³² CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*, p. 141-142.

³³ WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 304.

prometer anunciar a justiça de Deus (v. 16), está querendo falar de algo muito mais profundo. Está falando da salvação que promana da fidelidade a Deus. É justo quem é fiel à Aliança. Para que isso possa acontecer, o próprio Iahweh o deve permitir, abrindo a boca de quem anuncia³⁴. Existe uma participação somática ou exterior, e, nesse caso, da boca, língua e lábios, em todas as manifestações interiores. A dimensão somática é participante ativa de todas as manifestações, sejam elas de alegria ou tristeza, de todas as dimensões psico-espirituais. Essa expressão de júbilo faz com que a comunidade possa perceber a ação salvadora de Deus e nela tomar parte (v. 14).

O salmista solicita a Deus que ele o ensine a cumprir a vontade de Deus. Essa vontade guiada pelo “bom espírito” (Sl 143,8) será feita numa terra já aplainada, pois visa criar uma nova relação com Deus. A recriação das relações com Deus e a qualidade de vida passam pela implacável condenação do mal, da injustiça e da opressão³⁵, e pela destruição dos inimigos (Sl 143,11-12). A *hesed*, ou seja, o amor/misericórdia de Deus desvela o poder de Deus que se coloca do lado do seu servo esmagado. Assim Deus defende sua honra, sua presença eficaz na história como também sua solidariedade com os justos³⁶. Deus torna seu modo de ser visível através de suas intervenções em favor da reconstrução da qualidade de vida. É o sinal de sua presença. Ele é que liberta e conserva o ser humano como também conserva a criação em geral, o local onde o ser humano com ela convive enquanto habitante deste mundo.

O pecado, o crime e a iniquidade são uma presença desestabilizadora, diabólica para a integridade do ser humano. Somen-

³⁴ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 547.

³⁵ Sl 5,11; 6,11; 7,10.16; 10,12; 28,4; 31,19; 35,4-6; 40,15; 54,7; 58,7-11; 94,23; 109,16-20; 125,5; 129,5-8; 137,8-9; 139,19; 140,9-12; 141,10; Jr 15,15; 17,18; 18,21-23.

³⁶ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III*, p. 891. Cf. Sl 21,9; 66,3; 68,2; 74,23; 89,52.

te Deus pode restaurar essa integridade, através do perdão. Essa certeza é que fazia com que acontecessem as solenes confissões dos pecados, ou momentos penitenciais conhecidos no Antigo Testamento. O medo era que Deus pudesse reter os pecados (*Sl* 130,3) e isso se tornaria um perigo. No entanto, concluir por uma condenação universal seria ignorar a faculdade que o Criador tem de sentir prazer em salvar suas criaturas³⁷. Não sobrariam seres humanos para servir a Deus, pois todo ser humano é pecador. Por isso, ao interpretar-se o v. 4 do *Sl* 130: “*Mas contigo está o perdão, para que sejas temido*”, o temor para o qual o salmo acentua identifica-se com respeito e com a submissão a Deus. O perdão de Deus não é uma mercadoria barata que se distribui e cada um pegaria como quisesse. Ele é um dom de Deus livremente concedido aos que o temem. Sem o perdão, não sobraria ninguém sobre a terra para servir a Deus³⁸. Tu, Iahweh, te fazes respeitar, porque tu és capaz de perdoar!, é a exclamação que perpassa a mente do salmista. Para que o ser humano possa alcançar o perdão, ele depende unicamente de Deus, então não resta nenhuma outra alternativa senão respeitá-lo³⁹. Só Deus é que pode fazer com que a integridade do ser humano possa aconte-

³⁷ “Se, portanto, não se encontra coração casto que presuma de sua justiça, presumam todos os corações da misericórdia de Deus”. S. Agostinho. *Comentário aos Salmos III*, p. 709. “Si ergo cor castum non potest inveniri, quod praesumat de sua Iustitia; praesumat cor omnium de Misericordia Dei”. AUGUSTINI, Aurelii. *Enarrationes in Psalmos*. In *PL* 37, 1697.

³⁸ “Ja, bei Jahweh ist Vergebung; aber diese Vergebung ist nicht als selbstverständliches religiöses Gut zu betrachten, das wie eine Schleuderware ausgeteilt und jedermann greifbar wäre. Vergebung ist eine freie Gabe des heiligen Gottes. Nur in Furcht vor der lebendigen Wirklichkeit des vergebenden Gottes kann diese סליחה erwartet werden. Der Beter des 130. Psalms gehört zu denen, die Jahwe fürchten”. KRAUS, Hans Joachim. *Psalmen II*, p. 1049.

³⁹ ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos II*. (Salmos 73-150). Tradução, Introdução e Comentário. São Paulo: Paulus, 1998. Col.: Grande Comentário Bíblico, p. 1515,

cer. Só uma humildade profunda pode criar as condições para recorrer a Deus e esperar por uma resposta favorável⁴⁰ e, por assim dizer, recriar seres que possam ser os adoradores dignos da glória de Iahweh. O perdão, nesse sentido, é desconcertante. O ser humano sabe que, se não fosse a misericórdia divina, não haveria chances para ele. Para que Deus não conviva com o pecado dos homens, não resta alternativa senão perdoar esse mesmo pecado, pois o perdoar faz parte da essência de Deus⁴¹. Isso não quer dizer, porém, que Deus seja inofensivo e não tenha outra saída. A ira de Deus o comprova. Por isso, a misericórdia não deve fazer com que o ser humano minimize a realidade do pecado. Assim ele encontra a esperança pondo sua confiança somente na palavra de Deus⁴². O perdão que Deus concede mostra, olhando por um outro lado, que ele é mais poderoso do que os próprios pecados. Se uma teofania, que acontece fora do ser humano, provoca tanto temor, quanto mais temor não deve ocasionar a capacidade de perdoar pecados e que acontece dentro do ser humano! O perdão dos pecados é coisa por demais séria. A graça de Deus suprime o pecado, mas não a seriedade do pecado⁴³.

⁴⁰ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme II*, p. 504-505.

⁴¹ “Aber V. 3 deutet auch an, dass Gott diese aus Sünde kommende Todesverfallenheit unterbrechen kann und will... weil sein innerstes Wesen wie V. 4a herausstellt, ‘Vergebensbereitschaft und Vergebung’ ist. Dieser Begriff (und damit diese Eigenschaft) wird alttestamentlich nur von Gott ausgesagt. Dass er allein die Selbstvernichtungsmechanismen des schuldig gewordenen Menschen aufheben will und kann, gründet in seiner Göttlichkeit”. ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 399-400.

⁴² RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III*, p. 644.

⁴³ WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 605.

O salmista, quando diz: “*Eis que amas*⁴⁴ *a verdade no fundo do ser, e me ensinas a sabedoria no segredo*” (Sl 51,8)⁴⁵, está abrindo novas portas no relacionamento com o Criador. Deus conhece o mais profundo do ser humano e sabe que a verdade pode partir somente do imo do ser humano, ou seja, da pedra fundamental do ser humano, lá onde todos os fundamentos estão apoiados. Naquilo que é mais profundo Deus pode semear a sabedoria, talvez querendo identificar esse ponto de partida como sendo o lombo ou rins⁴⁶.

⁴⁴ « aimes » : pour un meilleur équilibre du texte, Gunkel veut lire hâfašetî « je cherche » correction tentante, mais arbitraire. ~ ‘ conscience ’, traduction Dhorme du mot rare tuhôtî “parties internes, siège des facultés intellectuelles et morales ». ~ ‘ au fond de l’âme ’, avec N. Ps., Osty...; m. A m. « dans ce qui est secret ». Mais d’aucuns rapprochent l’expression de « sagesse » (cf. TOURNAY, B. Cent., PODECHARD), en allusion à la découverte, avec l’aide de Dieu, des « fautes les plus cachées, dont on n’a pas conscience » (Tournay, qui renvoie à Ps. 19,13 Jb 11,6). Mais le parall. ne favorise pas une telle lecture, rien, dans le Ps., n’indiquant que le pénitent soit tourmenté par des propensions au mal, insoupçonnées jusqu’ici. Il cherche plutôt à bénéficier d’un effet de la Sagesse divine”. JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme II*, p. 157.

⁴⁵ Os v. 7-8 do salmo têm paralelo nos Hinos de Qumran: “Mi hai conosciuto, dai seno tu mi hai chiamato, dal ventre di mia madre hai provveduto a me, e dalle mammelle di colei che mi ha concepito, la tua misericordia fu su di me e sul seno del mia nutrice tu mi hai allevato. Fin dalla mia giovinezza mi ha illuminato con la sapienza del tuo giudizio e mi hai sostenuto con la salda verità, mi hai diletato con lo spirito santo e fino al giorno d’oggi mi hai guidato”. Inni, IX, 30-32. In: MORALDI, Luigi (a cura di). *I Manoscritti di Qumrān*. Torino: Unione Tipografico-editrice Torinese, 1971. Coll: UTET (Classici dei Religioni), p. 420.

⁴⁶ BJ *in loco*. “Il Targum... rende giustamente ... il vocabolo nel Sal 51 con ‘reni’”. RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 48, nota 54.

Para “*fundo do ser*”, no hebraico, usa-se תִּהְיוֹת *tuhôt*⁴⁷ associado a *amar a verdade* אֱמֶתָּהּ (hāpaš ‘emet). Para “*ensinar*” (lit. fazer conhecer), usa-se יָדָה (yāda‘). Para “*sabedoria*”, usa-se הַחֲכָמָה (*hokmāh*) e “em segredo” סֵתֵר (sātum). Isso supõe uma “análise interior e uma adesão psicológica”⁴⁸. Supõe que o lugar mais íntimo do ser humano, isto é, a sede de todas as faculdades intelectuais e morais, ou seja, o lugar mais secreto⁴⁹ se abra para Deus. É o lugar onde Deus trabalha como um mestre. Nesse ponto “a sinceridade do ser humano e a sabedoria de Deus se encontram”, e aí “Deus provoca a verdade da consciência com a sua graça; a verdade do espírito abre o coração para a irrupção da sabedoria divina de tal forma que os seres humanos, no seu íntimo, aprenderão de Deus (*Is* 54,13)⁵⁰”.

O verbo *yāda‘* conhecer não quer ser um conhecimento intelectual apenas, mas um conhecer que abrange todas as dimensões do ser humano, um conhecer que se toma um reconhecer. Não é, portanto, um conhecer apenas passivo, de saber algo mais, mas ativo, participativo, volitivo, envolvente, onde Deus e o ser humano entram em sintonia, e ambos caminharão na mesma direção⁵¹. A partir desse momento, pode-se pensar em qualidade de vida. O Padre da Igreja, S. Ireneu, assim se expressa contra Taciano:

⁴⁷ “Un vocabolo che appare solo qui e in Gb 38,36 con venatura sapienziale. Per Beaucamp (I, p. 222), per Dahood (II, p. 4) e per altri sembra da riferirsi al dio egiziano Tot, dio della sapienza, dio della purificazione come Enki a Sumer: il suo animale sacro era l’ibis, in egiziano *thwt*, termine identico al nostro vocabolo. Si opporrebbero così due tipi di sapienza, quella ‘abile’ (e con tonalità peggiorativa) dell’Egitto e la *hokmah* insegnata da Dio”. RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 48.

⁴⁸ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 48.

⁴⁹ סֵתֵר (*sātum*) segredo em Ez 28,3 tem conotação sapiencial. RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 48.

⁵⁰ Id., *ibid.*, p. 48-49.

⁵¹ É significativa uma “definição” popular de amor: “Amar é ambos caminhar na mesma direção”.

Era necessário que o Senhor, vendo a ovelha perdida, para *recapitular* todas as coisas na nova Economia e *reintegrar* este que ele havia modelado, salve o ser humano que tinha sido feito à sua imagem e semelhança, ou seja, Adão, quando ele completara os tempos do castigo pelo pecado da desobediência...; e isto a fim de que Deus não fosse vencido e que *sua Sabedoria* não parecesse impotente...; de outro modo a malícia da Serpente teria sobrepujado os desígnios de Deus⁵².

Isso é expresso através da purificação e da alvura, do júbilo e da alegria do *Sl* 51,9-10. Os pecados são lavados/cancelados. Eles deixam de existir, porque o ser humano ficará mais branco do que a neve⁵³. A imagem jeremiana do lavar com salitre e potassa (*Jr* 2,22) e a isaiana do escarlate e da púrpura, que se tornarão brancas como a neve e a lã, ambas aplicadas ao Israel prevaricador e ambas provindas de uma profunda veia poética, não querem dizer outra coisa senão que tal purificação não seria possível a não ser como obra do próprio Deus⁵⁴. Quando o salmista diz: “*Dancem os ossos que esmagaste*” (*Sl* 51,10), esse mesmo salmista está ressaltando a cura acontecida através da dança, ou seja, através de todo o seu ser. O desgaste moral ocasionado pelo sentir-se culpado pode provocar doenças

⁵² IRÉNÉE de Lyon. *Contre les Hérésies*, III 23,1. Édition Critique, Texte et Traduction par Adelin ROUSSEAU et Louis DOUTRELEAU. Paris: Les Éditions du Cerf 2002. Col: Sources Chrétiennes 211, p. 447.449.

⁵³ O orante foi purificado com o hissopo. “Labiée aromatique du bassin méditerranéen, sans doute l’origanum maru, assez abondante aux environs de Jérusalem et appréciée pour ses propriétés autiseptiques... sert à la confection d’aspersoirs, qu’on utilise dans les liturgies de purifications. (Cf. Ex. 12,22 ; 24,8 Nbr. 19,18), notamment dans les rites de purification des lépreux (cf. Lévi. 14,4-53). Même si elle n’a pas de vertus curatives, elle passe pour être un symbole agissant – une sorte de sacramental – de la purification de toutes souillures”. JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme II*, p. 172.

⁵⁴ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et coeur de l’homme II*, p. 172.

físicas. Isso é uma prova material de que Deus permite a punição pela falta⁵⁵. O perdão, porém, será como que uma recriação. É um peso que não mais será necessário carregar. Isso provoca a alegria e o júbilo, ou seja, uma leveza tal que convida para a dança. Toda *nepeš* do salmista, que ouvira o oráculo do perdão, renasce e, por isso, é restaurada e renovada. É a postura de fundo que toda reconciliação provoca. O pecado deixa, de forma visível e sensível, profundos sinais na corporeidade. Todo o corpo físico é atingido⁵⁶. Isso, dentro da concepção da antropologia bíblica, prepara o chão para a nova criação, ou seja, uma verdadeira e própria ressurreição, pois a unidade total do ser humano ressurgue, e o corpo e o espírito, que estavam estraçalhados, encontram um novo modo de existir⁵⁷.

No *Sl* 38,22-23, a relação entre o orante e seu Deus se transforma numa súplica, a fim de que Deus não o abandone. Ele quer que a força esmagadora da mão, do v. 3, se transforme numa mão prenhe de ajuda⁵⁸.

A prece orante, e de modo especial nos salmos de lamentação, se transforma em lamentação, súplicas e declaração de confiança. O orante sente-se como se o seu Deus pessoal o tivesse abandonado⁵⁹. Eivado da mais profunda necessidade, clama: “Não me abandones!”⁶⁰ Trata-se de um fragmento tradicional do qual podem ser encontrados traços literalmente no *Sl* 35,22 e em

⁵⁵ *Sl* 6,3-9; 25; 31; 39; 102,4; *Is* 38,13.

⁵⁶ *Sl* 6,3-9; 25; 31; 39; 32,2; 42,10; 102,4.

⁵⁷ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 50.

⁵⁸ RIDERBOS, Nie. H. *Die Psalmen*. Berlin; New York: Walter de Gruyter, 1972. Col.: BZAW 117, p. 283.

⁵⁹ *Sl* 22,2; 71,11; cf. *Is* 49,14; *Lam* 5,20.

⁶⁰ 60 “Die Gebetsprache besonders in den Psalmen verwendet ‘zb in Klage, Bitte und Vertrauensäußerung. Der persönliche Gott hat den Beter verlassen (Ps 22,2; 71,11; vgl. Jes 49,14; Klgl 5,20; ...), oder er wird in höchster Not (liturgisch/gottesdienstlich) angerufen: ‘Verlass mich nicht!’ (Ps 27,9; 38,22; 71,9.18; 119,8)”. GERSTENBERGER, E. S. אָזַב ‘āzab. In *ThWAT V*, col. 1206. Cf. *Sl* 27,9; 38,33; 71,9.18; 119,8.

outros famosos exemplos de lamentação⁶¹. Trata-se de um apelo muito pessoal (“meu Deus”) a Iahweh, a fim de que não abandone seu fiel. A confiança do orante se funda numa contrapartida: Deus não abandona quem nele confia⁶². O orante está convencido de que Deus está pronto para ouvir sua oração⁶³. Todas as colocações mostram um uso do verbo *abandonar* dentro de um campo em que se descreve a quebra das amarras da pessoa para com seu Deus. E este pressupõe uma relação pessoal mútua. A prece conclui com um já habitual costume familiar ou de toda a parentela⁶⁴. Aí se tem um simbolismo espacial: a terrível “vizinhança” da mão que oprime, descrita na abertura (*Sl* 38,3), na verdade é a “distância”⁶⁵. Deus é aquele que, de forma não clara – ou até por descuido, – abandona o sofredor e o priva de um cuidado solidário⁶⁶. Trata-se de uma formulação clássica que, após a confissão, quer tornar Deus propício a ele, a fim de que os

⁶¹ *Sl* 22,12.20; 40,14.18; 70,2.6; 71,12; 141,1.

⁶² Cf. *Sl* 9,11; 37,28.33; 94,14.

⁶³ “In einigen Psalmen aber wird sie Ausdruck einer persönlichen Beziehung zwischen dem Betenden und dem Gott, den er als ‚sein Gott‘ betrachtet. In diesen Gebeten (wie auch in einigen Beispielen) unterstreicht die Wendung ‚mein Gott‘, dass der Beter überzeugt ist, dass sein Gott bereit ist, sein Gebet zu erhören”. [Cf. *Sl* 22,26; 31,15]. RINGGREN, H. :אֱלֹהִים. In *ThWAT* I, col. 299.

⁶⁴ “Das Vertrauensbekenntnis stellt dem entgegen: Gott verlässt seinen Getreuen nicht (vgl. Ps 9,11; 37,28.33; 94,14). Alle Stellen zeigen geprägten manchmal formelhaften Gebrauch des Verbs [‘zb] in einem Wortfeld, das die Zerstörung der persönlichen Bindungen beschreibt (חֲרַק *rhq* נִטְשׁ *ntš* שָׁכַח *škḥ*). Also ist das persönliche Schutz- und Solidarverhältnis des Beters zu seinen Gott vorausgesetzt”. GERSTENBERGER, E. S. :אָזַב ‘*āzab*. In *ThWAT* V, col. 1206.

⁶⁵ RAVASI, Gianfranco, *Il Libro dei Salmi* I, p. 703.

⁶⁶ “In der Klage des einzelnen ist Gott derjenige, der unerklärlicher – oder gar fahrlässigerweise den Leidenden verlassen und sich seiner Solidarpflicht gegenüber dem Beter entzogen hat”. GERSTENBERGER, E. S. :אָזַב ‘*āzab*. In *ThWAT* V, col. 1206.

sentimentos de confiança e abandono não sofram traição⁶⁷. Já mais confiante, parece aliviado da pressão como que de chacais que o rodeiam. Não teme mais tanto o furor e o desprezo, pede a Deus para não abandoná-lo⁶⁸. O salmista, agora perdoado, se torna um ser humano que procura viver a piedade e a integridade diante de Iahweh, no meio de uma sociedade corrompida e esquecida de seu dever de fidelidade a seu Deus. O orante se coloca na senda dos profetas, pois também eles procuraram manter viva a tocha da fé, em meio de uma sociedade semipaganizada⁶⁹ e interpenetrada pelos cultos cananeus. O salmista suplica que Deus não o abandone, mas que o socorra.

No Sl 32,5-7, que é um salmo de ação de graças individual, o salmista dá a grande virada na sua existência. Ele confessa seu pecado. No v. 5 aparecem os três termos usados para designar pecado nos salmos penitenciais. Está também presente a expressão que significa uma decisão de fundo tomada pelo sofrente: “Eu disse!” e que está presente em numerosos salmos⁷⁰. Além das palavras usadas para identificar pecado, existem os verbos que contêm uma postura ou atitude ativa frente à situação em que o orante vive. Ele reconhece que pecara e apresenta a Deus os pecados, a fim de que Deus os “cubra”, *ksh*⁷¹ com seu perdão. Isso é puro louvor e adoração, pois nenhum hino contém beleza

⁶⁷ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme I*, p. 788.

⁶⁸ CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*, p. 120.

⁶⁹ GARCIA CORDERO, Maximiliano. Libro de los Salmos. In: GARCÍA CORDERO, Maximiliano; PEREZ RODRIGUEZ, Gabriel. *Biblia Comentada IV: Libros Sapienciales*. Madrid: La Editorial Católica, 1962, p. 167-674. Col.: Biblioteca de Autores Cristianos (BAC), p. 347.

⁷⁰ Sl 30,7; 31,23; 38,7; 39,2; 40,8; 41,5; 73,15; 82,6; 94,18; 116,11; 119,57; 140,7; 142,6.

⁷¹ Quando o ser humano é sujeito do verbo *ksh*, ele cobre o pecado ou encobre (Pr 28,13; Jó 31,33). Quando Deus é o sujeito é ele que cobre, ou seja, ele o perdoa. ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 480-481.

maior do que a confissão do pecado⁷². O vocabulário contém o processo do retorno a Deus, de um reatar as relações rompidas e as conseqüências sofridas por causa disso. Esse reatar quer significar a restauração de uma qualidade de vida que o sofrente muito bem sentia como perdida e que era necessário novamente retomá-la. Era necessário restaurar o diálogo rompido. O salmo apresenta esse processo em três momentos:

- a) a decisão de confessar a Deus ou de abrir o coração a ele diante do sofrimento que o orante está vivendo;
- b) a confissão propriamente dita, humilde e sincera, apesar do grande esforço que isso lhe custa e de um sentir-se, por causa disso, como que esmagado;
- c) como conseqüência da confissão acontece o perdão⁷³.

É também necessário deixar bem claro que o salmista, segundo Jacquet, não diz que a confissão é a causa do perdão e nem que Deus se contenta unicamente com tal confissão para conceder o perdão. Ele apenas quer sublinhar a relação necessária existente entre a confissão e o perdão, sem negar que possam concorrer para isso outras variáveis, como a rejeição do pecado, um propósito de arrependimento, a ofensa a Deus, etc.

A restauração da qualidade de vida reconstrói também a firmeza frente a tudo o que quer esmagar o pecador arrependido. Isso é expresso pelas águas torrenciais que agora não mais podem atingir o orante (*Sl* 32,6). Elas também simbolizam a angús-

⁷² “Si inizia con ‘far riconoscere’ espresso col verbo *jd’* della piena conoscenza semitica, più che di un ‘riconoscere’ confessante; si riprende poi il ‘coprire’ (*ksh*) del v. 1 ma sul versante antropologico, l’uomo non ‘copre’ il suo peccato ma lo presenta a Dio perché lo ‘copra’ col suo perdono; segue poi il verbo della *tôdah*, della lode pura perché nessun inno è più bello della confessione del peccato che riporta il figlio tra le braccia del padre; si riprende il verbo *ns’*, ‘portar via, rimettere’ per celebrare l’intervento liberatore di Dio (v. 1) e forse, in finale, si può aggiungere il verbo *salah*, ‘perdonare’, caduto probabilmente per aplografia con la notazione musicale *selah*”. RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 590.

⁷³ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme I*, p. 687.

tia e o remorso⁷⁴. Superadas as relações estremecidas entre o orante e Deus, o mar das águas caóticas transforma-se num mar de júbilo, de júbilo pela salvação, pela segurança, pela certeza do reatamento das relações entre o Criador e sua criatura humana. O meio mais eficaz para experimentar a paz e a justiça divinas é a confissão, pois ela acaba com os remorsos, os medos de castigos divinos, etc.⁷⁵

A confissão, portanto, que o sofredor faz a partir de uma experiência de fé revela uma reabertura das portas para um novo reatamento após as relações terem sido rompidas⁷⁶. É uma experiência que envolve a liberdade e a responsabilidade depois da quebra de relações com Deus e com a comunidade. Somente após a confissão Deus pode re-agir, como dizia S. Jerônimo: “*Si tu ponis illud (o pecado) ante te, Deus illud non ponit ante te*”⁷⁷.

A recriação frente ao Criador, ou seja, a regeneração consiste em que o ser humano entre em sintonia com Criador. O afinar-se com Deus significa desvelar a imagem e semelhança de Deus da qual o ser humano está imbuído. No ser humano já existem facetas da divindade. Isso quer dizer que dentro do ser humano existe a possibilidade de conhecer o que é certo e o que é errado. A fim de que não necessite sempre novamente fazer a experiência para saber o que é certo e o que é errado, existe uma lei plantada no coração e no espírito do ser humano (*Jr 31,33-34*). Esta lhe dirá, a partir dos diversos códigos de leis, o que já fora experienciado.

Esses códigos de leis, apesar de serem muito baseados em proibições, querem apontar ao ser humano o quanto é imperioso não negociar de forma mágica ou com subterfúgios com Deus. São duas pessoas, a divina e a humana, que procuram mutua-

⁷⁴ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi I*, p. 590.

⁷⁵ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme I*, p. 689.

⁷⁶ Sl 32,5; 38,19.

⁷⁷ HYERONYMI, S. Eusebii. *Breviarium in Psalmos*. PL 26, col. 972.

mente desvelar-se. Uma delas, Deus, sempre permanecerá um mistério para a outra. O mistério de Deus é insondável. O desvelar-se do ser humano diante de Deus abre as portas para que Deus sonde o mais íntimo do ser humano. Não que Deus já não conheça tudo. O que importa é que o ser humano aceite a ajuda de Deus. Deus não vem para espiar, mas expiar os pecados. A queda das barreiras da parte do ser humano facilita a sintonia do ser humano com Deus. A sintonia possibilita uma troca de bens. Deus então prepara o ser humano para ser capaz de receber o perdão e, agradecido, louvar a Deus.

2 Recriação do indivíduo

A ecologia e a integridade da criação começam em casa. Procura-se atacar o ser humano como sendo o culpado pelos problemas ecológicos. Se os problemas ecológicos passam pelo ser humano, a solução dos mesmos também deve passar pelo ser humano. O que os salmos penitenciais fazem é apontar para os problemas. O ser humano é pecador. Isso é verdade. Por isso existe uma punição. A punição, porém, não pode apenas ser um retirar o ser humano de circulação, como se faz com prisioneiros. Como deveria ser feito com os prisioneiros, também com o ser humano deve-se fazer acontecer uma regeneração. A autopunição e a heteropunição, esta especialmente feita por Deus, visa regenerar o ser humano, pois o ser humano é também solução. A solução dos problemas da qualidade de vida do meio ambiente passa também pelo ser humano. A própria Bíblia, nas primeiras páginas, já diz que a existência da natureza, que era vista como “boa”, com a existência do ser humano torna-se “muito boa”. Por isso o caminho que leva para uma qualidade de vida e para a integridade da criação, necessariamente passa pelo ser humano. Como isso é possível?

2.1 A recriação da *rûah*

O salmista do Sl 51 assim reza: “Ó Deus, cria⁷⁸ em mim um coração puro, renova um espírito firme no meu peito” (Sl 51,12). O salmista não pede para ser restaurado. Uma restauração de uma estátua supõe apenas a recomposição da aparência externa. Internamente, no entanto, continua toda trincada. Ele quer que a renovação seja igualmente interna. A renovação supõe que todo o interior do ser humano passe por um processo de renovação. Isso supõe algo mais profundo. Não é uma lavagem como se faz com a roupa. A roupa não se renova lavando-a. A roupa pode ficar encardida e até transformar-se em uma nova substância. Vista, portanto, dentro da ótica das possibilidades humanas, a situação se torna insolúvel. Vai muito além das possibilidades humanas. Torna-se necessária uma regeneração ou uma recriação. Só Deus é que pode fazer isso. Exige já um novo nascimento ou um renascimento.

O pecado faz com que o ser humano não mais consiga ver-se como imagem e semelhança de Deus. A *rûah* divina e a *rûah* humana não mais se parecem. A criatura, que deveria revelar a imagem do Criador a toda criação, seguiu por um caminho próprio. Com isso criou uma situação de ruptura e confronto, não só com o Criador, mas também com o restante da criação. O caminho apontado como solução pelos salmos penitenciais é uma reopção por Deus, para que se dê a Deus a possibilidade de recriar o ser humano. É necessário um novo agir que revele seriedade e sinceridade com disposição de penitência⁷⁹ como também uma disposição para uma positiva relação com o próximo e com Deus. É necessária uma nova “criação”. Por isso o salmista usa

⁷⁸ Diz a BJ *in loco*: “Este verbo é reservado a Deus e designa o ato pelo qual Deus chama uma coisa nova e maravilhosa à existência (Gn 1,1; Ex 34,10; Is 48,7; 65,17; Jr 31,21-22). A justificação do pecador é a obra divina por exce-lência, análoga ao ato criador (cf. Ez 36,25s; cf. ainda Jr 31,33; 32,39-40)”.

⁷⁹ WEISER. Artur. *Os Salmos*, p. 301.

um verbo, que, quando aplicado a Deus, é usado para criar, ou seja, fazer com que algo que não existia acabe por existir. É o verbo בָּרָא *bārā'* criar⁸⁰. É um verbo raro no período pré-exílico⁸¹ e é empregado principalmente nos escritos exílicos⁸² onde exalta o ato livre e criativo de Deus. É um ato que ignora agentes secundários⁸³, sejam eles deuses ou seres humanos. É um ato que transcende a natureza e a história⁸⁴ e seguidamente equivale a renovar e recriar⁸⁵, isto é, a criação de um novo *rûah* ou de um novo coração⁸⁶ capaz de conhecer a Deus (*Jr* 24,7). Esse novo modo de agir também supõe a existência de um espírito renovado (*Ez* 36,26). Tão puro deve tornar-se o pecador, quando for restaurado o seu estado comprometido⁸⁷, como o era o cordeiro de um ano que o tornava digno para a oferta (*Nm* 28,3).

As imagens da restauração do ser humano têm como espelho a criação do universo⁸⁸, o êxodo e a restauração de Israel⁸⁹.

⁸⁰ “Ce n’est pas par hasard que le Judaïsme fixera la commémoration de la Création — son ‘Jour anniversaire’ — le Premier Jour du mois de Tishri (septembre-octobre), qui ouvre la période des 10 jours de pénitence qui s’achève le jour de la Fête de l’Expiation ou du Pardon. La Néoménie de Tishri — la plus solennelle de l’année — dite aussi Fête des Trompettes, deviendra, de ce fait, le Nouvel An (‘Rosh Hashana’) et simultanément le début de la grande Pénitence, au terme de laquelle Dieu *recrée* chaque Israélite”. JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme II*, p. 175.

⁸¹ Am 4,13; Dt 4,32; Jr 31,22.

⁸² Atestado ao redor de 30 vezes e, em particular, no Segundo Isaías e na tradição sacerdotal. RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II* p. 51.

⁸³ , “Grundverschieden von allem menschlichen Wirken ist Gottes Schaffen (vgl. Gn 1,1), einzigartig ist sein schöpferisches Tun — frei von allen Voraussetzungen und Anknüpfungen, erhaben über alle chaotischen Unmöglichkeiten”. KRAUS, H.-J. *Psalmen I*, p. 546.

⁸⁴ RAVASI, Gianfranco, *Il Libro dei Salmi II*, p. 51.

⁸⁵ Cf. 1Sm 10,9-10; 16,13; Is 11,1-2; Jl 3.

⁸⁶ Coração e espírito estão intimamente relacionados e às vezes são usados em paralelismo sinónimo.

⁸⁷ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme II*, p. 175.

⁸⁸ Gn 1 3 2,

Essa restauração ou recriação faz parte do processo salvador de Deus. Só Deus pode salvar. Ele salva, através da conversão do pecador. Essa noção de salvação que Deus tem oferecido ao ser humano impotente diante do pecado é também reconhecida pelos poetas de Qumran:

Quanto a mim, se eu tropeço,
as misericórdias de Deus serão minha salvação para sempre...
na justiça de Deus, que permanece eternamente, estará o meu
juízo...
na abundância de sua bondade expiará para sempre todos os
meus pecados;
em sua justiça me purificará da impureza do ser humano
e do pecado os filhos dos homens (Regra, XI, 11-15)⁹⁰.
Por tua glória purificaste o homem de pecado,
para que se santifique para ti de toda abominação impura e i-
niquidade culpável...
para elevar os vermes dos mortos...
para que ocupe seu lugar em tua presença (*Hinos*, XI, 10-
13)⁹¹.

Não basta que Deus apenas rejeite totalmente a lembrança das faltas. Muito mais do que a “*poenitentia*” dos latinos, ou seja, uma satisfação pessoal pelos pecados; muito mais do que a “*metánoia*” dos gregos, ou seja, uma reorientação do pensamento; muito mais necessário do que tudo isso é a “*tešubah*” hebraica, isto é, uma correção de rota da vida ou uma conversão a partir do imo do ser humano. Esta tem como objetivo uma comunicação de coração a coração ou de espírito a espírito entre Deus e o ser humano, em vista de completar o amor que falta. A passa-

⁸⁹ Ex 34,10; Is 48,7; Jr 31,22.

⁹⁰ Apud GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino (aos cuidados). *Textos de Qumran*. Petrópolis: Vozes, 1995, p. 61.

⁹¹ Apud GARCÍA MARTÍNEZ, Florentino. *Textos de Qumran*, p. 399.

gem do poder das trevas ao domínio da luz torna-se um ato criador em favor do cosmos⁹² e de Israel⁹³. Essa recriação, que acontece com o ser humano em nível individual, é espelhada na criação de todo o cosmo e na recriação de Israel⁹⁴. A recriação do ser humano é compartilhada por todas as outras criaturas, pois ele novamente se coloca em comunhão com elas.

O acento está sobre o coração e o espírito do ser humano (Sl 51,12)⁹⁵. Neles se concentram as duas principais forças com as quais ele vive. O coração é visto também como o órgão da razão e, por isso, através dele, o ser humano experimenta o mundo e a vida. É o centro da existência humana e nele situam-se as sensações, os pensamentos e a vontade⁹⁶. Através do coração, ele ouve a Deus e por meio dele se abre a Deus⁹⁷. Exclama Salomão: “*Dá a teu servo um coração cheio de julgamento para governar teu povo e para discernir entre o bem e o mal*” (1Rs 3,9). O espírito representa o centro da força vital, ou seja, da vontade, das sensações e dos pensamentos⁹⁸. Os dois, coração e espírito, com nuances diferentes, são usados quase como sinônimos. No espírito estão interligadas a vida e a morte. Através do espírito, o ser humano participa de dons e qualidades divinas que lhe possibilitam agir em nome de Deus e em seu lugar falar e agir como profeta, rei e carismático⁹⁹. Isso mostra a importância do pedido de renovação e recriação, a fim de que o ser humano possa estar em

⁹² Gn 1,2-5.18, Sl 104,2-7.

⁹³ Is 29,18; 42,7; 49,9; 58,10; Sb 17,2.

⁹⁴ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme II*, p. 176.

⁹⁵ Como se perceberá mais adiante, a passagem dos sacrifícios formalistas para a oferta de espírito e coração contritos (v. 19) explicitará melhor o que isso quer dizer.

⁹⁶ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 546.

⁹⁷ ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 409.

⁹⁸ “Bezieht sich רוח auf die wirksame, alles Fühlen, Denken und Wollen durchwehende Macht, die von Jahwe ausgeht”. KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 546.

⁹⁹ ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 409.

sintonia com Deus. A tradução mais literal: “Ó Deus, cria em mim um coração puro e um espírito firme, renova meu íntimo” (Sl 51,12) mostra que, para agir em nome de Deus, é sempre de novo necessário o reconhecimento de que o ser humano necessita ser renovado ou recriado por Deus.

O Sl 32,2 já mostra a volubilidade do espírito humano. Quando o orante diz que é feliz aquele “em cujo espírito não há fraude”, ele está querendo dizer que esse espírito e essa vontade humana podem ser fracos como também ser criativos¹⁰⁰. O pecado, nos seus efeitos, corta essa sintonia afastando os seres humanos da comunhão com Deus e entre eles mesmos. O pecado, por isso, provoca uma dicotomia na criação, levando o que fora criado como cosmo¹⁰¹ a se transformar em caos e agir como tal. A ordem será restaurada com uma nova criação que apenas Deus tem condições de fazer. Essa é a nova realidade anunciada pelos profetas, pois só ele pode realizar a mais profunda mudança que se faz necessária para acontecer a nova criação¹⁰². A vida moral, em última análise, não é obra própria do ser humano, mas é graça de Deus¹⁰³.

O salmista canta: “Devolve-me o júbilo da tua salvação e que um espírito generoso me sustente” (Sl 51,14). O espírito generoso, ou mais exatamente, um espírito de generosidade ou obediente רוח נדיבה *rûah nêdîybâh*¹⁰⁴ denota a iniciativa espontânea, a disponibilidade e a generosidade no difícil e a nobreza interior. Um “espírito de boa vontade” alimentado pela força de Deus faz com que o ser humano ultrapasse a obediência

¹⁰⁰ WOLFF, H. Walter. *Antropologia dell'Antico Testamento*. Brescia: Queriniana. 1975. Col.: “Strumenti 2”, p. 56.

¹⁰¹ No sentido de ordem, de organização, de beleza.

¹⁰² Jr 31,31ss; Ez 11,17ss; 36,25ss.

¹⁰³ WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 302.

¹⁰⁴ *nêdbâh* ocorre três vezes apenas e provém de *nâdîb* que caracteriza a pessoa que sacrifica e/ou serve voluntária e espontaneamente a divindade, como caracteriza aquele que é responsável por tal atividade. COPPES, Leonard J. נדיב (*nâdîb*) nobre e נדיבה (*nêdîbâ*) gesto nobre. In *DITAT*, p. 923.

Deus faz com que o ser humano ultrapasse a obediência servil que é inspirada pelo medo. Essa é uma obediência formal apenas que deve ser ultrapassada pela obediência da fé¹⁰⁵. “O orante pede para receber um dinamismo novo, que impulse suas ações a partir de dentro, sem necessidade, ou em virtude de imposições externas. Com generosidade, para cumprir, não o mínimo, mas ultrapassando o devido¹⁰⁶”.

No *Sl* 51,19 aparece o uso de espírito רִּוּחַ (*rûah*) pela quarta vez nesse salmo (v. 12.13.14)¹⁰⁷. O orante reforça o dito nos v. 12-14. Ele reconhece que Deus é só espírito e o ser humano é também espírito, mas espírito criado, participante numa criatura feita de matéria criada e, por isso, dependente de Deus.

Dentro desse tema está presente em plenitude a profecia de Jeremias e Ezequiel a respeito da nova aliança. Esta será implantada no coração do ser humano. Assim, através desse espírito, obedecerá com alegria e de livre e espontânea vontade¹⁰⁸. É uma obediência que não se baseia num poder que vem de fora, mas numa sintonia, numa co-participação, numa co-responsabilidade. Este pensamento também está presente no *Sl* 143,10 quando acena ao *espírito bom*. O orante de Qumran assim se expressa: “Agradeço-te, Adonai, porque infundiste o teu espí-

¹⁰⁵ WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 302.

¹⁰⁶ ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 704.

¹⁰⁷ Quanto à possibilidade de, no v. 19, suprimir-se o segundo *nišbār*, como aconselha a BHS e outros, diante do recurso estilístico de repetir-se o adjetivo, diz E. Zurro: “Comparando *rû^aḥ nišbārâ // lēb-nišbār w^eniḏkeh*, Sal 51,19, ‘espírito contrito, // corazón contrito y quebrantado’, con *lēb ṭāhōr//w^erûah nākōn*, v. 12, ‘corazón limpio’ // ‘y espíritu firme’, parece legítimo concluir que la alternancia *nšbrh // nšbr* responde a la voluntad del autor, como acertadamente ha observado Berlin. La amputación de *nšbr w*, aconsejada por insignes intérpretes, acarrea deterioro estilístico”. ZURRO, Eduardo. *Procedimientos Iterativos en la Poesía Ugarítica y Hebrea*. Valencia: Institución San Jerónimo; Rome: Biblical Institute Press; 1987. Col.: Biblica et Orientalia, 43, p. 158.

¹⁰⁸ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 546-547.

rito santo sobre teu servo e purificaste seu coração de toda iniquidade” (*Inni*, XVII,26)¹⁰⁹.

A força que sustenta e faz o coração agir com amor e paixão é o lugar onde o espírito de Deus é acolhido e interiorizado. Então a alegria em plenitude, que já fora antecipada no *Sl* 51,10, ou seja: “*Faze-me ouvir o júbilo e a alegria, e dancemos ossos que esmagaste*”, há de voltar e será a alegria da salvação¹¹⁰ e da paz com Deus¹¹¹.

Uma outra situação de renovação e recriação do ser humano acontece na mudança de atitude que ele tem frente ao seu modo de ser e agir. As relações *ad extra* tornam-se mais abertas, mais comunicativas, mais distensivas e abertas a um maior diálogo: “*A ti estendo meus braços, minha vida é terra sedenta de ti*” (*Sl* 143,6). A intercomunicação, o intercâmbio de dons pode acontecer de forma muito mais graciosa.

2.2 A recriação da *nepeš*

Como vimos acima, *nepeš* é usada dez vezes nos salmos penitenciais. O termo não aparece no *Sl* 32. Este é um salmo de ação de graças individual.

No *Sl* 6 se diz: “*Todo meu ser estremece*” (v. 4) e “*Liberata minha alma*” (v. 5)¹¹². Um orante sente-se em extremo perigo, pois sua vida, seu ser, sua alma, sua expressão vital, seu respiro estão sendo ameaçados. A *nepeš* é exatamente o antípoda do cadáver e define o eu profundo do indivíduo¹¹³. O pecado não fez outra coisa que ameaçar essa qualidade de vida. Agora é necessário que Deus aja gratuitamente e venha em socorro do ser humano, restituindo-lhe seu estado original.

¹⁰⁹ MORALDI, Luigi. (A cura di). *I manoscritti di Qumrān*, p. 455.

¹¹⁰ *Sl* 9,15; 35,9.

¹¹¹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 53.

¹¹² Cf. BJ *in loco*.

¹¹³ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 155.

Isso é expresso num profundo gesto de confiança. Mesmo que Deus não tenha dado nenhum sinal de uma possível ajuda, o salmista vive como se Deus já o tivesse escutado. Ele proclama: “*Iahweh escutou a voz do meu pranto! Iahweh ouviu meu pedido, Iahweh acolheu minha prece*” (Sl 6,9-10). O salmista já não se abala diante dos inimigos. Acontece uma inversão da situação. O oprimido está tão certo de que será auxiliado por Deus que chega a confundir seus adversários e inimigos. A religião com Deus imprime tal fé no orante que este se sente totalmente amparado por Deus.

Numa situação semelhante encontra-se o orante do Sl 38,13: “*Preparam armadilhas os que buscam tirar-me a vida*”¹¹⁴. Claramente aparece a punição, por causa do pecado, através do mundo das relações humanas. A qualidade de vida passa também pelas relações humanas. O pecado introjeta o caos e diaboliza as interrelações e interdependências existentes no cosmo e com Deus. O orante, portanto, na sua fé pede o socorro e a presença de Deus (Sl 38,22-23). Se, de um lado, o orante sente o peso dos inimigos, de outro lado, ele tem a certeza de que a presença de Deus, de per si, já é socorro ou salvação. Se Deus mostra sua presença, ele está seguro. Junto de Deus os inimigos não podem agir ou trapacear.

O Sl 130 diz: “*Iahweh, eu espero com toda a minha alma*” (v. 5) e “*minha alma aguarda o Senhor*” (v. 6). Nesse salmo a *nepeš* mostra-se totalmente dependente de Iahweh, consciente das possibilidades de errar que nela existem. É uma dimensão do ser humano que é das mais atingidas diante do pecado cometido. A misericórdia de Iahweh toma-se imprescindível para possibilitar uma harmonização com o restante da criação. E por isso chega ao ponto em que o salmista, no v. 6, literalmente diz: “*A mi-*

¹¹⁴ Pelo fato de o v. 13 ser estranhamente trístico, há quem pense que seja um acréscimo moldado sobre estereótipos comuns no saltério: Sl 35,4; 52,4 ou em Jeremias 11,21; 19,7,9; 21,7; 22,15; 34,20-21; 38,16; 44,30; 46,26; 49,37.

nha alma é toda para Iahweh”, e que Delitzsch pensa ser a invocação última de um moribundo¹¹⁵.

Os v. 7 e 8 são uma profissão de fé. Em Iahweh estão o amor, a redenção e o resgate. O orante reconhece que o pecado significa morte. Dela não só o salmista, mas todo o Israel será redimido¹¹⁶.

Das dez vezes que o termo *nepeš* aparece nos salmos penitenciais, cinco estão no *Sl* 143. Nesse salmo afirma-se que nenhum vivente é justo, ou seja, é fiel à Torah¹¹⁷. O salmista, no entanto, como um ser humano de fé, se recorda (v. 5) das obras da mão de Deus. A vida, a *nepeš*, a goela do ser humano está tão seca que espera ansiosa pela água fecundadora da palavra que salva (*Sl* 42,3; 63,2; *Is* 55,10-12). Deus pode saciar a sede de vida do ser humano. Por isso este eleva a ele seus braços (*Sl* 143,6).

Mais distante está a memória da ação criadora, quando foram aprisionadas as forças do caos, do nada, do mal¹¹⁸. A teofania está na história da salvação, nos artigos de fé professados no *Sl* 136 e aprofundados no culto. Essa teofania não está morta. É como uma semente atirada no solo opaco da história passada, a fim de que cada ser humano possa germinar no seu êxodo do mal em direção à terra da liberdade e da paz¹¹⁹. Assim sedenta está a vida do orante aguardando a misericórdia, a justiça e o amor de Iahweh. O simbolismo da aurora (v. 8) ilumina os caminhos do

¹¹⁵ DELITZSCH, Franz. *Biblical Commentary on the Psalms III*. Grand Rapids (Michigan): WM. B. Eerdmans Publishing Company, 1955. Col.: Biblical Commentary on the Old Testament, p. 304.

¹¹⁶ “Das ist Israels messianische und eschatologische Sendung: Angesichts der Unerlöstheit soll es die Botschaft weitergeben, dass ER erlösen wird, um seiner eigenen Göttlichkeit willen!” ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 401.

¹¹⁷ Cf. COTHENET, Edouard, *A Epístola aos Gálatas*. São Paulo: Paulinas, 1985. Col.: Cadernos Bíblicos, 34, p. 38-39.

¹¹⁸ *Sl* 51,9-10; *Ab* 1,12.

¹¹⁹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III*, p. 889.

orante, para que ele possa elevar sua vida, *nepes̄*, até Iahweh, pois só ele é confiável. No *Sl* 143,11 novamente volta o tema criação, da restauração, da regeneração, de uma recriação. O amor de Deus é tão forte que aniquila os adversários (v. 12). Ele defende sua honra, sua presença eficaz na história e a solidariedade com os justos¹²⁰. Deus mostra-se justo, apesar de sua condenação do mal, da injustiça e da opressão¹²¹.

2.3 A recriação da *bāsār*

O termo *bāsār*, carne, aparece apenas três vezes nos salmos penitenciais. Outras vezes é expressa nas suas subdivisões, ou seja, referindo-se aos órgãos internos ou externos. O salmo que mais profundamente aborda a questão somática é o *Sl* 38. O termo aparece na primeira parte do salmo (v. 4 e 8) onde trata especificamente de questões somáticas. Também aparece uma vez no *Sl* 102,6.

Como já fora dito, os comentaristas dos salmos penitenciais privilegiam, nas suas abordagens, as dimensões psico-espirituais, considerando a dimensão somática quase como que um apêndice da dimensão psico-espiritual. Até os comentaristas atuais dizem muito pouco sobre o salmo o *Sl* 38.

Como os antigos já diziam, o ser humano deve ser visto na sua integralidade: *gratia supponit naturam*. Pelas conseqüências que a dimensão somática sofre por causa do pecado, não se pode excluir a dimensão somática de uma análise mais profunda. A recriação da carne passa pela recriação da dimensão psico-espiritual. A carne é o espelho onde a dimensão psico-espiritual se reflete.

¹²⁰ *Sl* 21,9; 66,3; 68,2; 74,23; 89,52.

¹²¹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III* p. 891. Cf. *Sl* 5,11; 6,11; 7,10.16; 10,12; 28,4; 31,19; 35,4-6; 40,15; 54,7; 58,7-11; 94,23; 109,16-20; 125,5; 129,5-8; 137,8-9; 139,19; 140,9-12; 141,10; Jr 15,15; 17,18; 18,21-23.

A carne fala as dores psíquicas e espirituais. Diz Tepe:

Há uma inter-relação estreita entre as partes. Fenômenos corporais como prazer e dor têm seu equivalente psíquico: euforia e pena, e no plano espiritual: alegria e sofrimento. A correlação é tão grande que os nomes se trocam: dor de dente é um sofrimento corporal; a pena da rejeição afetiva é um sofrimento psíquico; angústia existencial é uma dor profunda do espírito¹²².

Bāsār se torna a expressão somática daquilo que ultrapassa os cinco sentidos. O ser humano, através da dimensão somática, porque é encarnado, entra em contato com o restante da criação. Através de sua dimensão psico-espiritual, percebe a divindade.

O ser humano é visto como uma unidade e, por isso, integrado em todas as suas dimensões. Por isso, o perdão dos pecados, ou seja, a cura espiritual implica também uma vida com qualidade para a dimensão somática. O ser humano bíblico tinha como certo que, apesar da existência de médicos, de remédios e tratamentos, para enfermidades físicas e/ou psíquicas, quem realmente curava era somente Iahweh¹²³. Quando se diz: “*Eu sou Iahweh, aquele que te restaura*” (Ez 15,26), o autor bíblico coloca claramente que é Iahweh quem cura (Ex 15,2; 2Rs 5,7. Cf. Jó, 5,18). É ele que faz adoecer e é ele quem cura. O Sl 32 igualmente atesta que uma cura completa vem de Iahweh, através da confissão e do perdão.

As pesquisas que hoje se fazem sobre o ser humano cada vez mais apontam a necessidade de uma mútua colaboração entre as diversas especialidades. Médicos, psicólogos e assistentes re-

¹²² TEPE, Walfredo. *Antropologia Cristã*. Diálogo Interdisciplinar. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 40-41.

¹²³ WOLFF, Hans Walter. *Antropologia dell' Antico Testamento*, p. 191.

ligiosos buscam cada vez mais trabalhar juntos. Isso é um desafio, a fim de que cada pesquisador procure aprofundar o seu campo de investigação e busque sempre novos instrumentos de abordagem do ser humano, sabendo que, fechada sobre si mesma, a pesquisa se revela incompleta e apenas parcial.

Concluindo, pode-se dizer que, se a intercomunicação não mais acontecer, a criação e o Criador encontrarão meios para fazer com que o ser humano se dê conta de que desandou e que é necessária uma conversão. Os salmos penitenciais apresentam, portanto, um caminho para cada ser humano individualmente, visto que cada um é único, original e irrepetível, e a humanidade como um todo para criar as condições para uma sintonia com o Criador. Por isso a escuta do Criador, por meio da Palavra escrita ou também por meio de revelações particulares ou, ainda, pela observância da Aliança, é importante para um caminhar junto.

3 Recriação das relações sociais

O ser humano não existe sozinho. Ele convive com outros seres humanos numa relação de mútua dependência. Dentro da ótica da recriação, esse é um novo campo a ser visto dentro dos salmos penitenciais.

No *Sl* 51,15-17¹²⁴, o suplicante, uma vez recriado e exultante, transforma-se em arauto dessa alegria e paz divinas¹²⁵. Para identificar rebeldes e pecadores, o orante usa as mesmas raízes que adotara para pecado e rebeldia: *hṭ'* e *pš'*. A libertação obtida transforma-se em um cântico catequético e missionário. O pecador se toma um pregador. Seu drama, após o perdão, transforma-

¹²⁴ Olhando sob o ponto de vista missionário e das três promessas feitas pelo suplicante, v. 15 calha melhor, quando junto com os v. 16-17 (Ravasi). Jaquet coloca junto com o v. 14, como a estrutura geral dividida em versículo o requer, e analisa na perspectiva de três grandes dons: a alegria, o serviço ao culto, e o zelo em relação aos pecadores.

¹²⁵ *Sl* 15; 24; 50,14.15.23; 119,32.

se em modelo a ser publicado para quem quer combater a loucura do pecado. Serve de referência para quem pensa em entrar ou já entrou no caminho errado¹²⁶. Apenas através do reconhecimento do erro, por meio do ensinamento (לָמַד *lāmad* ensinar) é que o pecador e o rebelde podem conhecer o caminho errado que estão palmilhando e se arrepender, a fim de possibilitar um perdão da parte de Iahweh¹²⁷. A fonte desse louvor está enraizada em Deus e, por isso, é sempre graça. Ele é que abre a boca purificando-a do pecado (*Is* 6,5-7). O próprio Deus é quem transforma o pecador. Uma consequência do perdão é a transformação do ser humano em evangelizador. O novo espírito concedido por Deus, e que se funda numa renovação da aliança, faz com que o pecador arrependido e perdoado não guarde apenas para si essa graça, mas que ela seja compartilhada com os rebeldes e pecadores¹²⁸. Por isso o salmista, agora em comunhão com Deus, soma com Deus na luta contra o mal.

O orante do Salmo 51 ainda diz: “*Livra-me do sangue*¹²⁹, ó Deus, meu Deus salvador, e minha língua aclamará tua justiça. Ó Senhor, abre meus lábios; e minha língua anunciará o teu louvor” (v. 16-17). Precedida de uma promessa de ação de graças, encontra-se uma frase de difícil interpretação: *livra-me do*

¹²⁶ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 54.

¹²⁷ KRAUS, Hans-Joachim. *Psalmen I*, p. 547.

¹²⁸ ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 410.

¹²⁹ A BJ *in loco* diz: “O profeta Ezequiel (cf. Ez 7,23; 9,9; 22,2; 24,6) chama Jerusalém de ‘cidade do sangue’. Algumas vezes viu-se aqui alusão ao assassinio de Urias por Davi (2Sm 12,9). Leu-se também a expressão da morte prematura do ímpio, castigo pelos pecados segundo a doutrina tradicional”. Para uma análise crítica mais completa, apresentando as interpretações de diversos comentaristas: cf. JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l’homme II*, p. 157-158. “Em sentido próprio *dmym* é homicídio, em sentido lato, qualquer violência... *hçal min* + delito significa livrar do cometido; para livrar de cometer emprega-se *hsk*. Compare-se: Sl 39,9: *mkl psh’y hçylny* Sl 19,14: *mzdym hsk*”. ALONSO SCHÖKEL, Luís; CARNITI, Cecília. *Salmos I*, p. 705.

*sangue*¹³⁰. Ravasi interpreta que, antes de prorromper em louvor, pela última vez o poeta pede para ser libertado de seu grave pecado, pecado esse que ameaça a vida do salmista. A morte significaria o fim de tudo (*Sl* 6,6). Ela significa o fim da possibilidade de agir na fé e glorificar a justiça $\text{דָּאָחַ$ (*šē dāqāh*) de Deus, ou seja, o próprio ato salvador de Deus¹³¹. Dentro da ótica da retribuição, ele sente que uma libertação do delicto comporta também uma libertação do castigo, do amargo temor da punição. Uma

¹³⁰ “Ecco te varie soluzioni.

- L’interpretazione davidica’ pensa all’omicidio di Uria perpetrato da David (2Sam 12,9.13) e quindi alla pena per questo crimine (Ger 26,15) da cui il re chiede di essere liberato (così Dhorme, Kirkpatrick, Calès...).

- Kittel pensa ad un pericolo mortale incorso dal salmista (Sal 5,7; 26,9) o ad un’infermità grave che ha minacciato la vita dell’orante. Ma questo non è mai il senso di *dam* né il resto del salmo lascia sospettare qualcosa di simili.

- J. Goldingay sulla base di Ez 3,19; 33,9 traduce ‘liberami dall’incorrere in un delitto di sangue’, ma, come si è detto, non è questo il senso de verbo *nšl*.

- Buttenwieser pensava si trattasse di un appello ad essere liberati dalla propensione a ricadere nel peccato (Sal 9,13), una notazione ‘psicologica’ non sostenuta dal testo e dal lessico usato.

- Machinosa come tutta la loro ermeneutica del salmo è la proposta di Maillot e Lelièvre (II, pp. 14.25) che rimandano all’impurità di nascita dell’orante (Lv 12,2; Ez 16,6.9) o ai sacrifici di sangue per riottenere l’aggregazione alla comunità.

- Gunkel e Buhl correggono *middamim*, in *midumim*, ‘dai silenzi’, una metafora per lo Sheol da cui si implora la liberazione. Dahood mantiene l’interpretazione ‘infernale’ ma leggendo *dammim*, da *damam*, ‘piangere’: ‘liberami dalle sofferenze della morte’ (lo Sheol, luogo di dolori: Mt 8,12).

- L’idea della morte, connessa altrimenti al ‘sangue’ (30,10; Gb 16,18; Pr 1,18; 12,16), e la nozione teologica di morte prematura come segno retributivo classico del peccatore fanno pensare ad una domanda di salvezza, una nuova invocazione di perdono e di liberazione (cf. Sal 6,5; 13,4; 22,21; 30,10; 94,17; 115,17) nello spirito delle suppliche. È la soluzione adottata da Duesberg, Steinmann, Oesterley, Kraus.

-Tournay e Jacquet evitano il problema ritenendo i termine *damim* una glossa per adattare meglio il salmo al caso di Davide ne rilettura ‘davidica’.

RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 55.

¹³¹ WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 303.

punição comporta a exclusão do louvor na comunidade, ou seja, a morte espiritual selada pela morte física. Isso respeitaria a visão unitária da antropologia bíblica (*Gn 2,17*). Assim como no xeol não existe louvor a Deus¹³², da mesma forma essa possibilidade inexistente para quem, por causa do pecado, foi cortado da comunidade e da corrente viva de salvação¹³³. Zenger interpreta o “*livra-me do sangue*” como uma súplica pela libertação da escravidão do poder do pecado e da libertação do mal¹³⁴.

A justiça de Deus do *Sl 51,16b* equivale à misericórdia¹³⁵. Ela é o resultado de um pedido de perdão feito pelo ser humano. Símaco traduz “tua justiça” por “tua misericórdia”. Os Padres da Igreja aceitam a tradução feita por Símaco e a seguem¹³⁶. Para eles, a misericórdia divina é que faz o ser humano prorromper em louvores. É um louvor que tem como causa o próprio Iahweh, pois ele é quem perdoa¹³⁷ e reintegra na comunidade.

No *Sl 130,7-8*, um salmo de lamentação individual, o orante agrega todo o Israel na esperança do perdão, no amor e na redenção de Deus. Deus não resgata apenas o indivíduo de sua iniquidade, mas toda a comunidade. O resgate da escravidão, narrado no Deuteronômio e no Êxodo, mostra para Israel o mais profundo modo de ser de Iahweh¹³⁸. Israel foi escolhido como uma propriedade preciosa. O orante do *Sl 130* espera que esse amor (חֶסֶד *hesed*) privativo e essa redenção/resgate (חַדְשׁוּת *p^e dût*),

¹³² *Sl 6,6; 88,11-13; Is 38,18; Bar 2,17; Ecl 17,22.*

¹³³ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 55.

¹³⁴ ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 410-411.

¹³⁵ *Sl 24,5; 35,5; 36,11; 103,17-18; Dt 6,25; 24,13; Is 1,27; 28,17.*

¹³⁶ JACQUET, Louis. *Les Psauames et le coeur de l'homme II*, p. 181.

¹³⁷ “Cette action de grâces, c’est Yahvé Lui-même, que, par son pardon, va, pour ainsi dire, la ‘provoquer’. En offrant au pénitent l’occasion d’un chant de reconnaissance, Yahvé garde l’initiative, jusque dans ses derniers effets, de toute ‘opération-conversion’ en cours : notion très isaïenne (cf. *Is 57,19; 61,11*)”. JACQUET, Louis. *Les Psauames et le coeur de l'homme II*, p. 181.

¹³⁸ ZENGER, Erich. *Die Nacht wird leuchten wie der Tag*, p. 401.

atributos personificados na Aliança e no Êxodo¹³⁹, aconteçam, não só para sua pessoa, mas que também sejam extensivos a toda a comunidade. Além do mais, esse salmo é um salmo de peregrinação. Por isso, o salmista provavelmente não está sozinho, mas acompanhado por outros peregrinos. Ele reza pelos companheiros de todo Israel que possam estar presentes em Jerusalém no momento¹⁴⁰. Ele pessoalmente encontrou paz e quer ser solidário com o povo que também padece sob o pecado e a culpa¹⁴¹. É o coroamento da peregrinação. A redenção e a recriação que aconteceram com ele mesmo, ou seja, com o indivíduo, devem acontecer também para todo o povo. Estas, no entanto, talvez aconteçam, dentro de uma celebração comunitária que se realizava no santuário. Isso é um parâmetro da mais genuína fé, pois nela a intuição revela que essa experiência pessoal não pára no indivíduo, mas interpenetra toda a comunidade dos que crêem¹⁴².

Jacquet chama a atenção para um dado interessante. Ele diz que os salmos, que parecem os mais profundamente pessoais, são ao mesmo tempo os salmos que falam de Israel. Nunca a mística da aliança comunitária foi tão viva quanto em períodos de profunda piedade pessoal. A confissão pública, em nome de todo o povo, feita pelos levitas, no tempo de Neemias, desvela-se dentro desse contexto¹⁴³. O culto oficial comunitário não é excluído, mas, como ensina o Sl 50, sua autenticidade está radicada no coração dos fiéis¹⁴⁴.

O ser humano, nas desgraças, sentia todos os outros contra ele. Nos bons momentos ele quer que todos o ajudem a louvar

¹³⁹ RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi III*, p. 646.

¹⁴⁰ CASTELLINO, Giorgio. *Libro dei Salmi*, p. 238.

¹⁴¹ GUNKEL, Herman. *Die Psalmen*. 5. Aufl. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1968, p. 562.

¹⁴² WEISER, Artur. *Os Salmos*, p. 606.

¹⁴³ JACQUET, Louis. *Les Psaumes et le coeur de l'homme III*, p. 507.

¹⁴⁴ 44 RAVASI, Gianfranco. *Il Libro dei Salmi II*, p. 56. Cf. Is 1,11-14; Os 6,6; Am 5,21-27; Mi 6,6-8; Jr 6,20; 7,2.21-24, etc.

o Senhor. A profunda dimensão comunitária faz com que a salvação pessoal passe pela salvação comunitária e vice-versa.

Além disso, o orante sentir-se-á na obrigação de anunciar essa profunda qualidade de vida que ele está experimentando em seu ser. Ele, ao convidar ao louvor, está provocando para um reatamento pessoal e comunitário da Aliança.

4 Recriação das relações com a natureza

Uma das perguntas a que se quer responder sob este título é esta: é possível, a partir dos salmos penitenciais, concluir-se por uma possível recriação das relações do ser humano com a natureza? Se isso é possível, como?

Em primeiro lugar, deve-se reconhecer que, fora dos salmos penitenciais, existem perícopes que abordam, de forma muito melhor e mais convincente, uma relação do ser humano com a natureza. Isso se percebe, tanto no saltério em geral (*Sl* 8), quanto na literatura sapiencial (*Pr* 8,22ss), bem como na proto-história (*Gn* 1-2) e no profetismo (*Is*). A preocupação primária dos salmos penitenciais está centrada nas relações *Deus x ser humano x comunidade*.

A partir de uma ótica antropológica, no entanto, percebe-se que, ao menos indiretamente, é possível refletir sobre o assunto. O ser humano é criatura. Ele faz parte da natureza. Ele depende da natureza, a fim de que ele possa ter uma boa qualidade de vida. O mundo é também o lugar da livre iniciativa salvífica de Deus para o ser humano¹⁴⁵.

Os salmos penitenciais mostram o quanto o pecado desvia o ser humano do caminho da salvação divina e o quanto ele afasta o ser humano de Deus. Ao afastar-se de Deus, ele terá uma visão deturpada de si mesmo, da comunidade e, também, da criação. Seu modo ser e agir tende, portanto, a contrapor-se aos obje-

¹⁴⁵ BONORA, Antonio. Cosmos. In *NDTB*, p. 358.

tivos e ao sentido de ser e existir da criação. Uma ignorância do sentido da criação faz com que o ser humano possa pautar sua vida contra os objetivos da criação. O respeito da criação pode fazer fluir, em tese, uma vida com qualidade para o ser humano e para toda a natureza. Ou, então, uma natureza que existe com qualidade colabora para a qualidade de vida do ser humano.

Um primeiro indício da recriação das relações do ser humano com a natureza encontra-se no *Sl 32*. Ele descreve o estado de um orante teimoso, que não queria reconhecer-se como pecador. Ele usa imagens da natureza para descrever seu próprio estado: “*Meu coração tornou-se como um feixe de palha em pleno calor de verão*” (*Sl 32,4*). Em outras palavras, o orante estava para virar cinzas como um feixe de palha ao fogo. Ele estava prestes a desaparecer. Fora necessária a confissão. Assim ele pôde ser perdoado. Isso significou uma recriação.

Outro indício é a imagem de destruição usada no *Sl 32*. São “*as águas torrenciais*” (v. 6) semelhantes ao dilúvio. Quem confessa seu pecado está protegido (v. 6) como Noé. O orante parece deixar entender que a confissão de seu pecado o devolveria ao estado do justo Noé. A promessa de Deus é que não haveria mais um dilúvio (*Gn 9,15*). A confissão significou uma recriação.

Um terceiro indício é a imagem teriomórfica tirada da sabedoria: o cavalo e o jumento (v. 9). Quem se sente parte da natureza, porque também é criatura, pode tomar imagens da natureza para expressar seu estado. O cavalo e o jumento representam a teimosia, a insubmissão e a rebeldia. A experiência da difícil relação do ser humano com outras criaturas serve de modelo para expressar as conseqüências das relações difíceis do ser humano com Deus. Usa-se o termo *peša'*, rebeldia, para expressar a insubmissão. O salmista percebe que somente a superação dessa teimosia pode recriar os laços com Deus e com a criação em geral.

No *Sl* 51 aparece um quarto indício. O hissopo e a neve são empregados para simbolizar estados de recriação do ser humano. O hissopo (v. 9)¹⁴⁶ é usado para a purificação (*Lv* 13,4; *Nm* 19,18). Isso quer significar que ao hissopo se atribuía a mediação do poder divino de purificação. Como exemplo de limpeza ou de pureza o salmista ainda se inspira na alvura da neve (v. 9)¹⁴⁷.

Um quinto indício está relacionado com os sacrifícios de animais para o perdão dos pecados. A recriação do ser humano dentro da imagem de um novo espírito e um novo coração (*Sl* 51,12) propiciará, em certo sentido, também uma recriação da dimensão somática, ou seja, daquilo que ele compartilha com a natureza. Se o pecado, para sua expiação, “exigia” a oferta de animais (*Sl* 51,18), um coração e um espírito renovados e recriados “poupariam” o sacrifício vicário de animais. Assim, a criação, ou seja, o ser humano e as outras criaturas vistas na sua integridade podem revelar melhor facetas do Criador.

Sião era, ainda, o lugar do encontro entre o céu e a terra, onde os povos e reinos (*Sl* 102,22-23) acorrem numa confraternização universal, após a recriação de um povo novo para Iahweh (*Sl* 102,19). Não só a natureza *in natura*, mas também a natureza, culturalmente transformada, aproxima o ser humano de Deus. A Jerusalém/Sião (*Sl* 51,20) torna-se também o centro do culto, ou seja, dos sacrifícios e do louvor (*Sl* 102,22). A Sião ce-

¹⁴⁶ “Erba aromatica che, con tutta probabilità si identifica con la nostra maggiorana. Per le sue foglie piccole e spesse veniva usata dagli Ebrei come aspersorio. Nella celebrazione della prima Pasqua con l’issopo vennero asperse le porte con il sangue dell’agnello; ci si serviva dell’issopo pure nei riti di purificazione dei lebbroso, de sacrificio espiatorio della vacca rossa e nella purificazione di chi aveva tocato un cadavere. ‘Issopo’ divenne poi simbolo di ogni purificazione spirituale”. WAU, César. Issopo. In ROLLA, Armando (direzione). *Enciclopedia de Bibbia*, 4, p. 436. Torino: ELLE DI CI, 1970, p. 434-437.

¹⁴⁷ Cf. *Is* 1,18; *Jó* 9,30; *Lm* 4,7.

leste é espelhada numa construção que é obra da cultura: a Sião terrestre. A Jerusalém terrestre, obra dos seres humanos espelha a Jerusalém celeste. O ser humano aberto à natureza e ao transcendente faz suas obras refletirem o estado do ser humano.

No *Sl* 51,20-21 está presente um sexto indício. Dentro de uma visão geocêntrica acreditava-se que Sião/Jerusalém fosse o centro do mundo. Isso implicava que a proximidade de Jerusalém significasse uma presença maior de Deus. Acreditava-se, inclusive, que, no final dos tempos, os enterrados em Jerusalém, seriam os primeiros a serem julgados. A destruição de Jerusalém aconteceu por causa do pecado, fruto de um rompimento entre Deus e o ser humano. Por isso existia uma ânsia na reconstrução de Jerusalém e do templo, a fim de renovar a relação com Deus e novamente poderem ser feitas as ofertas que purificam e reconciliam. A mediação acontecia também por uma contrapartida do ser humano que construía um espaço para Deus. Ele usava, para tanto, de outras criaturas, tais como madeira, pedras, etc. Esse espaço representava a presença de Deus entre os seres humanos. O orante estava convencido de que a teofania podia acontecer por meio da criação *in natura*, como no Sinai, ou transformada, como no templo.

A expressão da figura de Jerusalém/Sião está também muito presente no *Sl* 102,13-23.29. Esta parte do salmo é uma prece pela reconstrução (בנה *bnh* reconstruir: v. 17) de Sião e o que Sião significava como presença de Deus e de seus cuidados. O orante diz: “*Porque os teus servos amam suas pedras compadecidos de sua poeira*” (*Sl* 102,15). O ambiente de Sião, por mais puramente material que possa ser, é a memória de uma qualidade de vida que não existia na Babilônia, talvez muito menos pelo local em si, mas por causa do que Sião significava em liberdade de culto: “*Libertos da mão de nossos inimigos – nós o sirvamos com santidade e justiça*” (*Lc* 1,73). Além disso, pede-se para a recriação (ברא *br’*: v. 19) de uma nova geração que possibilite a existência de um louvor a Deus.

O orante do *Sl* 102, como um sétimo indício, experimentando na sua pessoa as conseqüências da ira de Deus, usa a natureza para, metaforicamente, expressar seu estado. Ele se compara com a relva pisada e ressecada (v. 5). Ele, provavelmente longe da pátria, se compara com o pelicano, o mocho (v. 6) e a ave solitária (v. 7). Como o ser humano é um ser social, a forma de vida que o pelicano e mocho levavam era tudo o que ele não desejava para si mesmo, O orante, dentro de sua ótica de compreender as coisas, não considerava essa forma de vida um existir com qualidade.

No *Sl* 130, como oitavo indício, também se encontra a expressão de sentimentos profundamente humanos, através de imagens tiradas da natureza: “*Minha alma aguarda o Senhor mais que os guardas pela aurora*” (v. 6). A aurora simboliza a claridade. A luz significava segurança e melhor qualidade de vida. Da mesma forma, exclama o orante do *Sl* 143: “*Recordo os dias de outrora, em todo o teu agir eu medito, refletindo sobre a obra de tuas mãos*” (v. 5). Essa nova postura frente à natureza acontece, quando o ser humano for recriado, ou seja, perdoado e estiver em sintonia com Deus.

Como nono indício, percebe-se que a criação não apenas participa dos castigos que Deus aplica ao ser humano, mas é usada como meio de salvação. A terra aplanada (*Sl* 143,10), ou seja, uma terra propícia é capaz de oferecer as condições para mais facilmente caminhar segundo a vontade de Deus. A terra, da qual a dimensão somática tem sua origem, serve de mediação, participa, plenifica e cria as condições a fim de que todo o ser humano se potencialize na sua caminhada em direção ao desvelamento da imagem e semelhança de Deus que deverá resplandecer para toda a natureza. De outro lado, cada criatura desvela facetas do Criador para o ser humano. Na criação existem traços da alteridade do Criador. Ela, nesse sentido, se torna revelação.

O caminho, em sentido metafórico, também é um indício. Ele mostra uma direção a ser seguida (*Sl* 32,8; 102,24). O céu e a

terra são obras das mãos de Deus (*Sl* 102,26; 143,5). Por isso eles são bons. Eles sofrem as normais transformações, em razão de sua caducidade (*Sl* 102,27). Uma natureza recriada e respeitada na sua integridade e, portanto, com mais qualidade, revelaria, ao ser humano, as diversas facetas do Criador.